

AVALIAÇÃO DA RESPOSTA AO TRATAMENTO EM PACIENTES COM CARCINOMA ESPINOCELULAR DE CABEÇA E PESCOÇO EM CAMPO GRANDE – MS.

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Área temática: Medicina, cancerologia

COSTA, Isabella Augusto¹ (isabellaaugustocosta@gmail.com); **JARDIM**, Paulo de Tarso Coelho² (paulo.tacoja@gmail.com); **RIOS**, Beatriz Trindade¹ (bia.rios8@hotmail.com);

¹ Discente do curso de Medicina da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

² Docente do curso de Medicina da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

RESUMO: O carcinoma espinocelular (CEC) de cabeça e pescoço é o sexto câncer mais frequente do mundo e a sexta maior causa de morte por câncer no Brasil. Trata-se de um câncer agressivo, que costuma ser diagnosticado tardiamente, já com doença avançada, sendo necessário tratamento com quimiorradioterapia isolada ou combinada. A maioria dos estudos brasileiros avaliando o tratamento de doença avançada envolveram pacientes atendidos em grandes centros de referência em tratamento oncológico, e mesmo assim obtiveram resultados insatisfatórios. Assim, o presente estudo descreveu o manejo e prognóstico de pacientes com CEC de cabeça e pescoço avançada em condições não ideais: em um hospital público, que não é referência no tratamento de câncer e em uma população de pacientes com baixo nível socioeconômico e pouca assistência à saúde. O estudo avaliou as taxas de resposta ao tratamento com quimiorradioterapia e analisou associação de preditores com resposta desfavorável, definida como doença estável, progressão de doença ou óbito. Além disso, avaliou o manejo do paciente na prática, descrevendo o tempo entre o diagnóstico e admissão no serviço de saúde especializado, início do tratamento e tempo de seguimento. Por se tratar de uma população frágil e com baixa tolerância ao tratamento, também foi avaliada a diferença no efeito usando-se doses menores do quimioterápico em questão, a cisplatina, no desfecho dos pacientes. Para isso, foi desenvolvido um estudo retrospectivo, com análise de prontuários de 46 pacientes atendidos na Associação Beneficente Santa Casa de Campo Grande/MS no período de 2018 a 2021. Observou-se que 93,5% da amostra foi diagnosticada em estadió avançado (III e IV) e houve atraso mediano de 105 dias do diagnóstico ao início do tratamento. 60,5% receberam tratamento concomitante com cisplatina isolada e os demais receberam outras modalidades associadas. 25,7% dos pacientes receberam doses menores que 200 mg/m² de cisplatina, mas não houve associação estatisticamente significativa com resposta desfavorável. Pacientes com resposta favorável precoce tinham maior chance de terem recebido concomitância com cisplatina do que os pacientes com resposta desfavorável (90,5% vs. 60%, p = 0,032). Conclui-se que, apesar da vasta literatura sobre qual é o melhor tratamento para essa doença, há outros desafios vivenciados na prática, tão complexos quanto, e impactam diretamente o desfecho do paciente.

PALAVRAS-CHAVE: câncer, quimioterapia, cisplatina.

AGRADECIMENTOS: Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pela bolsa de estudos e auxílio financeiro que possibilitou a operacionalização do estudo.